

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria do Rosário Simões

registada em 2009-02-02
por

Susana Pires e Jenny Campos

Maria do Rosário Simões

Maria do Rosário Simões, nasceu na Benfeita, a 6 de Março. Os pais “trabalhavam na fazenda, nas propriedades” e assim se governava todo o ano. Era a irmã mais nova de quatro irmãos, duas irmãs e um irmão. Da casa de infância recorda a lareira, onde cozinhavam, e as panelas de ferro, negras. Andou na escola até à terceira classe. Mas, “a bem dizer só faço o meu nome e mais nada. Leio qualquer coisa mas pouco.” Depois da escola, “ia ajudar os meus pais a fazer qualquer coisa. Ajudava a tratar dos animais ou ajudava a ir regar qualquer coisita.” “O casamento foi pobre” e pequeno, “tínhamos uns 15 ou 20 de convidados”. Levou um vestido branco e um veuzinho. O marido levava um fato azul. Teve um filho.

Índice

Identificação Maria do Rosário.....	4
Ascendência Trabalhar para comer.....	4
Casa "Tudo à pobre".....	5
Infância Bonecas sem cabelo.....	5
Educação Muitas crianças.....	6
Religião "Dia de festa".....	6
Namoro Namoro curto.....	7
Casamento Casamento pobre.....	7
Descendência Parto em casa.....	8
Costumes Tradições, comida e festas.....	8
Lugar Outros tempos.....	14
Quotidiano A minha vida.....	16

Identificação *Maria do Rosário*

O meu nome é Maria do Rosário Simões. Nasci, na Benfeita, a 6 de Março, agora a 1000 e não sei quantos é que não sei.

Ascendência *Trabalhar para comer*



Laura do Rosário Simões, mãe de Maria do Rosário

Os meus pais eram, coitadinhos, uns pobrezinhos de Cristo. Não tinham reformas, não tinham nada, trabalhavam para comer. Trabalhavam na fazenda, nas propriedades. Cavavam terra, semeavam batatas e feijão. Semeavam milho para cozer broa. Criavam um porquito com farinha de milho, e assim se governavam todo o ano.

Tive duas irmãs, já morreram, e um irmão que também já morreu. Sou eu a única. Era a mais nova. E já tenho 84 anos. Os outros se estivessem vivos teriam 100 ou mais.

Casa "*Tudo à pobre*"

A minha casa era uma casa pobre, coitadinha. Tinha uma sala, quartos, a cozinha e um corredor. Agora está lá uma sobrinha minha. Já está transformada, teve obras e está de outra maneira do que estava naquela altura. A cozinha tinha a lareira, cozinhava-se nas panelas de ferro, negras. Tinha uns bancos e uma mezita. Naquela altura, nem cadeiras se usavam. Só na sala é que se usavam umas cadeiritas. Era tudo à pobre. Punha-se uma mesa ao meio e lá comíamos de qualquer maneira. Cada um no seu prato. Outras vezes, até era numa bacia, tudo junto. Já me lembra desse tempo.

Comia-se coisas da fazenda. Os meus pais tinham muita castanha. A minha mãe, coitadinha, cozia uma panela de castanhas das graúdas e as miuditas assava-as, num assador. Tinha buracos o assador, punha-se em cima do lume e assava aquilo. Depois descascavam-se e comiam-se. Tinha muita fartura de castanha, de milho, fazia carolos também. O carolo era feito de milho. Ia para o moinho, faziam mais graudinho do que a farinha e depois fazia o carolo, lavava bem lavadinho, depois punha para um tacho, ou uma coisa qualquer e depois fazia o carolo. A gente comia um prato dele, ou dois, e já ficávamos tratados.

Não tínhamos quartos para todos. Dormíamos uns com os outros. Só o rapaz é que não. Agora as raparigas dormíamos umas com as outras. Era uma miséria naquela altura. Não era como agora. Não havia casa de banho. Era numa bacia grande. Lá nos lavávamos de qualquer maneira. Não era como agora. Agora tenho uma casa de banho boa.

Infância *Bonecas sem cabelo*

Eu era a mais nova dos irmãos. Cada um foi para seu lado e, mais tarde, fiquei sozinha. Com as minhas irmãs, às vezes, guerreávamos umas com as outras. Não havia brinquedos. Fazíamos bonecas de farrapos. Fazíamos uma cabeça, para brincar. Não tinham cabelos, era de qualquer maneira. Não era como agora. Naquela altura, não tínhamos nada.

Educação *Muitas crianças*

Eu andei na escola até à terceira classe. Mas a bem dizer só faço o meu nome e mais nada. Leio qualquer coisa mas pouco. Não fiz exame, depois também não continuei a escrever, nem a ler. Só agora é que leio qualquer coisa ou assim. Não sei muito.

Até havia duas escolas na Benfeita. Era uma numa sala grande, de uma casa. E era outra no areal. Havia muitas crianças. Vinham de um lado e de outro. Das Luadas, de Pai das Donas, da Dreia, dos Pardieiros. Também chegou a haver uma escola nos Pardieiros e outra no Monte Frio. Primeiro era só meninos e noutro lado meninas. Depois, mais tarde, já havia menos, já era meninos e meninas. No meu tempo, já havia carteiras e cadernos. Cada um comprava. Para minha triste sorte nunca tive livros de ler. Era uma colega minha que estava ao pé de mim, é que me emprestava o livro para eu ler a lição. Como é que eu podia estudar? Como é que eu podia aprender e estudar? Era uma miséria. As professoras eram muito boas pessoas e eram muito boas professoras. Nunca levei porrada delas. Mas davam àqueles que se portavam mal. Algumas tinham uma vara grande e uma régua. Mas eu nunca me lembro de apanhar grande porrada.

Naquela altura, depois da escola, ainda era miúda, ia ajudar os meus pais a fazer qualquer coisa. Ajudava a tratar dos animais ou ajudava a ir regar qualquer coisita, era assim. Tínhamos porcos. Criavam um porco todos os anos e tinham umas cabeças de gado. Duas cabras, duas ovelhas ou assim.

Religião "*Dia de festa*"

A doutrina andei a aprender numa mulherzinha já velhota. Eu ia lá aprender, a rezar o Pai Nosso, a Avé Maria, a Salvé Rainha e os Mandamentos da Lei de Deus.

Na Primeira Comunhão levava um vestido branco e um véu. Naquela altura usava-se assim, como quando iam para se casar. Era verdade. Era um dia de festa. O padre escolhia sempre um dia de festa. Havia cá a festa do Santíssimo, e era nesse dia é que se fazia a Primeira Comunhão, ainda agora é. Íamos na procissão, vestidas de branco. Naquela altura era de branco, agora vão de qualquer maneira. Com um fatinho.

Namoro *Namoro curto*

Eu namorei pouco tempo. Já tínhamos idade para casar. Casáramos e pronto. Conheci o meu marido na Benfeita. Ele era da aldeia. Pediu-me em namoro aos meus pais e continuáramos.

Casamento *Casamento pobre*



António Martins e Maria do Rosário na festa das Bodas de Ouro (1 de Fevereiro de 2002)

O casamento foi pobre. Fôramos à igreja, casáramos e fizemos o almoço. Nesse dia, por acaso ia vestida de branco. Com um véuzinho. Era, um vestido branco. Foram umas tias minhas que mo compraram. Compraram o tecido e foi uma costureira que mo fez. O meu marido levava um fato azul. Tínhamos uns 15 ou 20 de convidados.

O almoço foi carne, sopa, arroz-doce, tigelada, bolos e coscoréis. Os coscoréis amassam-se. Botam ovos, botam farinha, botam tudo. Estão a levar e depois é que se fazem.

Descendência *Parto em casa*

Tive um filho. Tive-o em casa. Não fui para Coimbra. Tive muitas dores. Havia uma mulherzinha ao pé da minha porta é que me arranjou. E havia outra senhora também que fazia os partos. Nessa altura, ninguém ia para Coimbra. Era cá que vinham aquelas parteiras. Aquelas senhoras que ajudavam aos partos.



Filho Rogério, Adélia e netos

Costumes *Tradições, comida e festas*

Comida para o ano

Em minha casa faziam chouriças, botavam na panela para se conservarem "pia além"¹. O lombo e as costelas, a minha mãe que Deus tem, fazia num tacho ou numa caldeira, numa coisa qualquer e depois botava numa panela vidrada e ficava para todo o ano, botava-lhe azeite. E depois ia tirando, pelo ano acima, ia-se comendo.

Broa de milho

Com o milho cozíamos broa, no forno. A broa amassava-se, botava-se crescento, que ela levedava na gamela, e depois botava lume ao forno. Quando o forno estivesse quente, tinha uma escovela e depois botavam para o forno. Tinha uma pá para botar a broa no forno. Na altura dos meus pais era uma mulherzinha que tinha um forno grande e então começavam a cozer umas e outras, e iam cozer àquele forno, depois davam um bocadinho de massa e faziam uma broa à forneira. Chamava a gente a forneira. Então, coziam lá três ou quatro pessoas e depois davam um bocadinho de massa e faziam uma broa ou duas para ela comer. O forno era grande e coziam às duas e três pessoas. Faziam sinais. Um punham um buraco, outras faziam um narizito. Outras punham um pau, uma caruma. É verdade. Isto era verdade. Faziam assim. E era assim que elas distinguiam as broas.

Queijo

O queijo bota-se a coalhar. Tem de se desfazer o cardo, e depois pôr o leite a coalhar, à beira do lume. O cardo vendiam nas feiras. Depois botava-se numa tigelinha, botava-se um bocadinho de água, ele coalhava aquilo, a gente desfazia, lavava bem as mãos, desfazia o cardo, depois punha para dentro da panela onde estava o leite, mexia com uma colher e depois, daí por duas horas ou uma hora estava coalhado. Punha-se à lareira, à borda da lareira, e depois com um acincho, fazia-se o queijo. Um acincho grande, botava-se num prato e fazia-se o queijo. Íamos à panela buscar a coalhada quando já estava coalhado e depois fazia-se. Virava-se de um lado para outro. No outro dia, já se punha na queijeira. Era uma

¹por aí além

tábua. Umas tabuítas para pôr os queijos. De um lado e doutro, e assim secavam. Iam-se lavando, de vez em quando, e limpava-se com um paninho e tornava-se a lá pôr.

Lã em troca de mantas

Tosquiávamos as ovelhas e depois vendíamos a lã. Havia um homem que comprava e a gente ia vender. E ele vendia mantas, trocava uma manta pela lã das ovelhas. Também trazia um cobertor ou uns lençóis, ou peças de roupa do lençol. Se queria um lençol abatia-se na lã.

Missa, procissão e arraial

Na Benfeita há a festa do Santíssimo. Há a festa de Agosto. A festa da Senhora das Necessidades. No dia 15 de Agosto, é a da padroeira, a Senhora da Assunção. Era na capela. Esse dia é um dia diferenciado. Faz-se arroz-doce. Bem, é um dia mais diferenciado do que os outros dias. Há missa e procissão com os andores. Vem sempre a música. Em primeiro ainda havia mais foguetes do que há agora. Agora nem há foguetes, nem há nada. Havia arraial com a música. Falavam à música para o arraial e para o outro dia para a festa. Vinham pessoas de fora da terra e tudo. Faziam grandes bailes. Eram no areal as festas. Agora é em cima, em cima no campo. Primeiro eram mais os novos que dançavam. Mas agora dançam mais os velhos do que os novos. Os novos não querem dançar ao toque da música. Só querem dançar ao toque dos acordeões, dos conjuntos. Mas era mais bonita a música mais popular. Agora é o tum tum tum! Na festa da Senhora das Necessidades também há arraial na véspera. E há a procissão da aldeia para lá com a Nossa Senhora, à noite, e depois, no outro dia, é a festa da missa, da procissão e há arraial outra vez. Há divertimentos, pronto.

Comida melhor

Nos dias das festas sempre se faz melhor comida. Faz-se arroz-doce, faz-se carne fresca, compra-se carne e assa-se. Sempre se faz um arroz branco. Uma coisa qualquer, mais diferenciada. Faz-se arroz de fressura. Compra-se uma fressura, ou quem mate uma rês, tem a fressura, depois põe num tacho, guisam-na e depois botam-lhe o arroz. Faz-se a chanfana também, assada. Parte-se aos bocadinhos, põe-se na frigideira, tempera-se com sal, com vinho branco, com azeite, e com banha. Vai ao forno. Depois tem que se mexer quando ela está já de

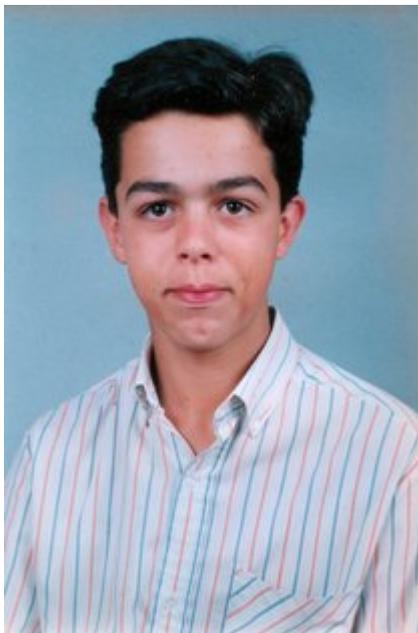
um lado corada. Quando é tenra assa mais depressa, quando é mais rija demora mais tempo a cozer.

Natal em família



Neto Bruno

O Natal era um dia especial, juntava-se a família, faziam filhós e outros comeres mais tradicionais. Nessa altura, não havia presentes. Agora já dão. Eles dão-me a mim e eu dou-lhes a eles. Tenho aí uns cachecóis que os meus netos me deram este ano. E eu dou dinheiro. Não compro nada, nem posso ir a lado nenhum comprar. Dou dinheiro para eles comprarem.



Neto António

Aldeia dividida

No Carnaval havia despiques uns com os outros. Às vezes, dividia-se a aldeia a meio e faziam despiques. Era numa sala numa casa. Às vezes, vestiam-se. Faziam ranchos. Às vezes, eram pais contra filhos e filhos contra pais e maridos contra as mulheres e tudo assim. Tudo na brincadeira. Era Carnaval, nada parecia mal.

O foliar

Na Páscoa, ia-se buscar os folares, e outros tinham que os dar, quem tinha afilhados. Davam um pãozinho, um pacote de amêndoas, ou davam qualquer coisa de roupa. Pessoas que podiam e que tinham, davam assim às pessoas. Toda a gente ia buscar o foliar, era uma alegria.

Versos do fim da guerra

No dia 7 de Maio, a Torre da Paz dá aquelas badaladas, mil e tantas badaladas. Eu nunca as contei. Não sei. Foi quando acabou a guerra. Foi uma alegria na Benfeita quando acabou a guerra. Depois fizeram esta coisa e tem versos até.

*O sete de Maio nunca esquecerá,
O sino escutai-o, ele os lembrará,
Que foi nesse dia, que por toda a terra,
Uma voz corria, acabou a guerra
Chorai de alegria!
Ó gente boa e amiga vem à Benfeita e verá,
Junto à capelinha antiga ouvir o sino da paz.
Naquela torre altaneira, dedicada a Salazar
Com um raminho de oliveira e uma pombinha a voar.*

Dia da cobra

No dia 1 de Maio ninguém ia ao mato. Uma vez, o meu homem foi ao mato e depois encontrou uma cobra à porta do curral. Nunca mais. Nem ia ao mato e nem trazia nada para casa. Nem couves, nem nada. Nem lenha, nem nada.

Comprimidos e injeções

Quando era preciso um médico havia um senhor na aldeia, que era meu sogro, era José Augusto que tratava das pessoas. Receitava comprimidos e dava injeções. Era quase como um médico. Ia aqui acima até para a serra, para o Tojo, para um lado e para outro, era chamado para lá. Dava injeções às pessoas. Agora a minha nora também dá muitas injeções. Aprendeu com ele, com o meu sogro. Ervas não usava, isso não dava. Só dava injeções se as pessoas fossem ao médico e receitassem, comprimidos e assim.

Lugar *Outros tempos*

Bem feita!

A Benfeita primeiro era Valverde. Mas depois, há aqui uma capelinha, a de Santa Rita, onde está a Torre da Paz. Uma capelinha oitavada, e depois que veio cá uma gente que disse:

- "Olha que capela tão bem feita."

E depois ficou Benfeita. Era Valverde e depois ficou o nome de Benfeita. Isso contam os antigos. Assim as pessoas que eu não me lembro. Mas lembro-me de dizerem que foi por isso que ficou Benfeita.

Os barbeiros e o poeta

Havia umas pessoas mais conhecidas na aldeia. Era o meu sogro que era o barbeiro. Mas também havia o Mostarda, o Zé Maria. Esse senhor também era inteligente, quando via as pessoas que estavam doentes, também era inteligente. Também dava remédios e assim, que sabia. Era o que cá havia, não havia médicos.

E havia um senhor que era poeta. O poeta Simões Dias. Mas eu não me lembro dele já. Está na aldeia a casa dele que até construíram agora mais tarde. Era velhinha e agora construíram-na. Foi onde ele nasceu.

Não há ninguém

A Liga de Melhoramentos agora não tem feito nada. Nem abrem a porta, nem nada. Não há cá ninguém. Vai tudo para fora. Não fazem cá nada. Cada um vai para o seu lado. Há cá pouca gente.

A luz e a água

Primeiro não havia electricidade. Fiz muita renda à luz da candeia. Um candeeirito de três bicos, fiz muita renda a essa luz. Depois veio o candeeiro de petróleo, da chaminé, depois é que veio a electricidade. A primeira candeia era a azeite. Tinha três bicos.

A água era na ribeira. Até havia uma nascente com uma telha. E a gente ia lá com os cântaros buscar a água. Para beber em casa. Para utilizar em casa. Para regar nas fazendas havia poças e as levadas que regavam essas zonas. Nas levadas iam buscar à ribeira, tapavam com terra e assim para vir água "pia baixo"² para regar o renovo todo. Era até partida a água.

- "Ora regas tu, ora rega o outro."

Era assim, era uns atrás dos outros. Regavam uns num dia, outros regavam no outro, conforme tinham as posses e o vagar. Estava tudo combinado. Era assim que se fazia a vida.

Lavar e cantar

Para lavar a roupa íamos à ribeira. Tínhamos uns lavadoiros. Ora estávamos umas, ora estavam outras. Eu cheguei a ter uma pedra quadrada minha, mas as outras pessoas, iam, se eu não lá estava, lavavam. Era no areal, que se fazia um poço até no Verão, faziam um poço grande e estava uma árvore que dava sombra e a gente lavava ali. Era com sabão. Depois começou a haver OMO. A gente levava a bacia com a roupa, mergulhava, punha-lhe OMO e assim deixava-se estar um bocado de molho e depois lavávamos, começava a lavar, punha sabão e lavava. Depois corava lá. Havia umas ervas, a gente punha a corar lá um bocado a roupa e depois já ia embora. Corava para tirar as nódoas que ela tinha ainda. Sempre ficava mais branquinha, estando um bocadinho a corar. Mas também lavavam noutros sítios, lavavam ao pé do lagar. Ora lavavam numa ou lavavam noutra. Ao fundo também lavavam. Espalhavam-se por todo o lado. Arranjavam uns lavadoiros e pedras e lavavam. Havia mais alegria do que há agora. Havia, havia. Então nas fazendas, só se ouvia gente a cantar. Agora não há ninguém que cante nada. É uma tristeza. As pessoas eram felizes. Eram felizes porque cantavam por todo o lado. Toda a gente se ouvia cantar. Até de noite andavam a cantar. Havia uma mulherzinha que andava toda a noite a cantar, a regar, já morreu coitadinha. Era uma alegria, e agora não há ninguém que cante nada. Não se ouve ninguém a cantar nas fazendas.

"Mais amigas"

As pessoas da Benfeita não são má gente. Mas, noutro tempo, eram mais sérias umas para as outras. Mais amigas umas das outras. Agora há muita falsidade. As pessoas ajudavam-se. Eu andei muita vez por troco. Um

²por aí abaixo

vinham-me ajudar a regar e a sachar e eu ia ajudar a elas. Era uma beleza e agora não.

Quotidiano *A minha vida*

Agora não faço nada. Estou em casa da minha nora, que nem posso ir para a minha casa. Arrumo-lhe as meias, dobro-as, descasco-lhe as batatas, faço essas coisas. O mais outra coisa não posso fazer. Dou, às vezes, umas passagens numa roupita ou assim, faço uns panitos no centro, uns pontitos nos panos. A minha vida foi a trabalhar no campo e a fazer a vida de casa. Regava, sachava, cavava terra. Semeava batatas, semeava feijões, semeava milho, regava, sachava. Era a minha vida do campo. Tinha umas ovelhitas ou umas cabras, tratava delas. Fazia o queijo. Em casa, varria e fazia a limpeza de casa. Esfregávamos com a escova, o chão. Era assim a vida.



Filho Rogério, nora Adélia, neto Bruno, Maria do Rosário, marido António e neto António José, nas Bodas de Ouro (1 de Fevereiro de 2002)